

O limiano romântico
Manuel Rodrigues da Silva Abreu:
exilado, bibliotecário e poeta-tradutor¹
J. Cândido Martins

A virtude e a probidade não fazem muito ruído: passam na terra humildes e encolhidas; mas quem as ama e respeita, não pode deixar de lhes prestar homenagem, nas raras vezes que as encontra.

F. Gomes Amorim

Manuel Rodrigues da Silva Abreu (1793-1869) nasceu em Ponte de Lima. Formou-se Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Casou e residiu em Braga durante boa parte da sua vida. Foi amigo de espíritos ilustres, como Almeida Garrett, a quem acompanhou no exílio. Distinguiu-se como um dos obreiros e primeiro bibliotecário da actual Biblioteca Pública de Braga, há mais de século e meio. Publicou em vida alguns escritos. Porém, infelizmente, este homem do Portugal romântico continua hoje a ser para muitas pessoas um ilustre desconhecido.

Indaguemos, pois, o seu perfil como homem de cultura, apreciando o seu desempenho em vários domínios: como homem de ideais liberais, o que o conduziu ao exílio; como bibliotecário dedicado, o primeiro da nova Biblioteca Pública de Braga; e ainda como homem de letras, poeta e tradutor. Apesar da modéstia do seu viver e da exiguidade da obra publicada, Silva Abreu é um nome que merece ser lembrado.

Para iluminar um pouco melhor esta viagem, escolhemos algumas ilustrações, quer através da inclusão de fotografias antigas, quer da reprodução de publicações do autor estudado. E deixamos para melhor ocasião um estudo mais aprofundado, que inclua os textos de Silva Abreu, dispersos por várias publicações periódicas.

1 Romântico e liberal exilado

*Entre a pobreza e a desonra não há que hesitar para o homem de bem*².

L'Honneur, c'est la pudeur virile.

Alfred de Vigny

Quem é esta figura tão desconhecida actualmente e mesmo tão modesta no seu tempo, apesar da admiração suscitada por vários dos seus contemporâneos? No jornal *O Comércio do Lima*, M. J. da Cunha Brandão define esta personagem de forma categórica: "Eminente humanista, bibliógrafo em Braga, respeitável ancião, muito simpático e atencioso"³. No *Diccionario Popular* dirigido por M. Pinheiro Chagas (1876, I: 24), pouco tempo após a morte de Silva Abreu, pode-se ler, num pronunciamento longo, mas elucidativo sobre a figura em causa:

"(...) raro será o mancebo estudioso de Braga, que não fale com entusiasmo no nome de um homem que deixou poucos rastros de si na literatura

portuguesa, mas que, tendo convivido com os vultos mais eminentes da nossa revolução literária, tendo-se associado aos seus trabalhos e compartilhado os seus entusiasmos, conservava na sua alma, sempre ardente por baixo dos gestos da velhice, o reflexo vivíssimo do fogo que animava a geração que nos precedeu. Na modéstia do seu viver, nunca ambicionou as glórias dos triunfos, mas prestava generosamente os tesouros do seu saber, da sua experiência e do seu talento, a todos os que procuravam trilhar a carreira literária, e que também depois, no decurso da sua vida, guardavam sempre do ilustre bibliotecário de Braga, amigo e mestre dos seus jovens patrícios, a mais grata recordação”.

O retrato começa a ser composto e, como veremos, será amplamente confirmado por outras informações e testemunhos: homem inteligente e admirado, generoso e fraterno, dedicado e tenaz, apesar da sua proverbial humildade.

O desconhecido e modesto Manuel Rodrigues da Silva Abreu nasceu a 14 de Agosto de 1793, na “formosa e nobilíssima vila de Ponte de Lima, de onde tem saído muitos e excelentes varões, que nas armas ou nas letras, têm nobilitado esta terra”, como caracteriza Soares Romeo Júnior (1870: 6)⁴. Lembram alguns autores que ele gostava de salientar, sorridentemente, a coincidência de ter nascido precisamente no aniversário da batalha de Aljubarrota.

Mostrou queda para os estudos desde muito cedo. Depois dos estudos preparatórios (possivelmente em Ponte de Lima e depois em Braga), frequentou a Universidade de Coimbra, formando-se Bacharel em Leis, no ano de 1825. Na revolucionária academia coimbrã, terá sido contagiado pelas ideias liberais do tempo, porém sem os excessos de outros contemporâneos. O resultado é óbvio: o homem formado que regressa à sua terra após a formação académica é um liberal moderado, mas que não abdicará nunca dos seus ideais políticos.

Sabemos, sem grandes detalhes informativos, que Silva Abreu terá constituído família com uma mulher simples, de quem se afasta para sempre a partir do momento do exílio: “Silva Abreu casou com uma mulher do campo, que nem ler sabia, receoso de não chegar nunca a ter meios com que pudesse decentemente sustentar outra, de diversa classe!” (Amorim, 1884, II: 514). Por informação de um amigo bracarense, F. Gomes Amorim informa também que,

após a sua morte, os papéis de Silva Abreu teriam sido “vendidos a peso, a um ferro velho” pela viúva do autor limiano. António Feio (1920: 8) contrapõe outra informação:

“Não é verdadeira tal notícia, pois que a mulher de Abreu, com quem ele não vivia desde que voltara do exílio, e por motivo mui diverso do apontado por Amorim, não existia já à data do seu falecimento. Abreu vivia só, numa pequena casa em frente à igreja de S. Vicente, servido pela família do sacristão da mesma igreja, João Lourenço de Lemos, que depois foi o primeiro servente da Biblioteca”⁵.

A fidelidade do limiano à ideologia liberal manifesta-se na perseguição de que Silva Abreu foi alvo, por 1828, da parte dos partidários do absolutismo. Isso o obrigou a fugir de Ponte de Lima para o Porto, onde viveu alguns meses escondido em casa de um amigo. Curiosamente, em nota a um poema, podem ler-se breves considerações sobre este lance biográfico de Silva Abreu, mas que bem podem ser da responsabilidade da redacção do periódico bracarense:

“Este *Adeus* é feito por um português, que desumanamente expulso da sua vila em 26 de Maio de 1828 não podendo sequer despedir-se na sua adorada família, viveu, sem nunca mais vê-la, sepultado por espaço de 14 meses em diferentes esconderijos da cidade do Porto, até que na data acima referida se embarcou para Londres”⁶.

O primeiro biógrafo, Soares Romeo Júnior (1870: 7-8), também informa sobre as difíceis circunstâncias da despedida do moderado limiano: “(...) em 26 de Maio de 1828, perseguido pelas suas ideias políticas, teve de sair de Ponte de Lima, sem se despedir de sua família, a qual se compunha de mulher e filha, que nunca mais tornou a ver”. Outro testemunho confirma o essencial da informação apresentada – é o correspondente do jornal *Comércio do Porto*, em texto necrológico após o falecimento de Rodrigues Abreu:

“Em 26 de Maio de 1828, sem ao menos poder despedir-se até da família, que se compunha de mãe, esposa e filha, dirigiu-se o Sr. Rodrigues de Abreu para o Porto, onde por espaço de catorze meses teve de solapar-se em diferentes esconderijos, que nessa cidade lhe deparavam amigos cordiais que tinha. Finda esta quadra de torturas, ofereceu-se-lhe o ensejo de se dirigir às ocultas para Londres, onde por muito tempo pode respirar

com o triste desafogo de um expatriado, vivendo em muita intimidade com Almeida Garrett, Ferreira Borges e outros corifeus do partido liberal, entre os quais o famoso portuense Joaquim Maria de Andrade”⁷.

Daí teve de fugir para Londres, como exilado político; e da capital inglesa, partiu para Rennes, na Bretanha francesa. Enfim, fez o percurso de muitos exilados políticos do tempo, uns mais ilustres que outros. Ora, a este propósito, convém lembrar a íntima amizade que uniu Silva Abreu e Almeida Garrett, desde os tempos de estudante em Coimbra. O limiano desempenhou mesmo a função de secretário na sociedade secreta *Club dos Jardineiros*, de que Almeida Garrett era um dos ilustres membros. Há quem acrescente, como membro desta organização, o nome de Frei Francisco de S. Luís, o futuro Cardeal Saraiva, também natural de Ponte de Lima.

A experiência do exílio aprofundou ainda mais a amizade entre Silva Abreu e Almeida Garrett, tendo sido ambos companheiros na mesma casa e tendo o limiano desempenhado a função de secretário de Garrett. Cabia-lhe, por exemplo, redigir os textos literários do autor de *Camões* e de *D. Branca*. Estas funções são recordadas pelo correspondente do jornal *Comércio do Porto*, logo após a morte do bibliotecário bracarense:

“Na capital de Inglaterra foi sempre o falecido bibliotecário o secretário íntimo de Almeida Garrett, copiando-lhe as produções poéticas em que este nosso génio se ocupava, transcrevendo-lhe mais de uma cópia do poema *O Magriço*, comemorativo das façanhas dos doze de Inglaterra, que mimosamente o *Camões* descreve, e que, em perda das nossas letras, ficara submerso na barra do Douro, ao naufragar uma embarcação que das ilhas trazia esta e outras preciosidades do poeta, e as fortificações do exército realista meteram a pique”⁸.

Também Soares Romeo Júnior (1870: 9) particulariza as funções de secretário exercidas por Rodrigues Abreu: “Na modesta habitação em que os dois expatriados viviam, Almeida Garrett passeava muitas vezes declamando os seus versos, enquanto Rodrigues os escrevia; trabalho que aquele muito apreciava, pela precisão com que era feito”.

De Londres, dirigiu-se Silva Abreu para Rennes, cidade da bretanha francesa, onde residiu com outros emigrados portugueses até 1832. Com esta experiência

marcante, aprofundou-se a relação entre os dois companheiros de exílio, que se prolongou até ao fim da vida do autor limiano. Conta-se que ao morrer, vendo um retrato do amigo Garrett, o limiano repetiu que aquele fora sempre o seu "pai", tais eram a estima e a veneração que tinha pelo grande escritor.

Após três anos de desconfortável exílio, Silva Abreu só regressa a Portugal em 1832, depois de assinar uma petição endereçada pelos emigrados portugueses a D. Pedro, quando este príncipe veio do Brasil à Europa para dar corpo à causa liberal. Em Braga, depois de acalmar o clima de guerra civil, Manuel Rodrigues da Silva Abreu é nomeado "oficial da prefeitura" (governo civil de Braga).

Porém, o entusiasmado defensor da Carta constitucional é surpreendido pela revolução de 1836. Então, perante o triunfo das novas ideias, o bacharel limiano não hesita em pedir a demissão do seu cargo. Na sua consciência, achava que não poderia servir aquele governo uma vez que não concordava com as suas orientações político-ideológicas. O exemplo de coerência política era-lhe dado por homens como Alexandre Herculano, figura que certamente Silva Abreu admirava. Também Herculano, aliás, nas mesmas circunstâncias políticas, pedira a exoneração das funções de 2.º Bibliotecário do Porto.

Nestas circunstâncias, também Silva Abreu sacrificava a carreira de funcionário público face às convicções políticas mais íntimas. Esta coerência ao nível das ideias políticas constituirá sempre uma das linhas de rumo da sua vida. Com esse gesto de fidelidade às suas ideias, o limiano pôs assim em causa, sem hesitações, a sua subsistência e da sua família. Como era de esperar, as dificuldades financeiras foram tantas que se viu obrigado a vender os amados livros da sua biblioteca pessoal.

Porém, como se lê no referido *Diccionario Popular* de M. Pinheiro Chagas (1876, I: 24), os amigos mais próximos compreenderam generosamente a atitude de Silva Abreu: "Foram-lhe depois restituídos [os livros] por amigos seus, que os tinham comprado, na intenção de o socorrerem indirectamente, prova tocante da estima que ele lhes inspirava". Será fácil imaginarmos a dificuldade com que um reconhecido bibliófilo se desapegava dos seus amados livros, por estrita razão do sustento da família.

A decisão de pedir a demissão do cargo, contrariada inutilmente pelos amigos, implicou uma série de privações na vida familiar do autor limiano. Para obviar à

falta de recursos, Silva Abreu viu-se na necessidade não só de vender os seus livros; mas também de publicar uma tradução de Florian, trabalho já iniciado nos tempos de exílio. Ora, é nestas dificuldades após a exoneração do cargo público, que o amigo de todas as horas – Almeida Garrett – procura socorrê-lo. Já veremos como.

Sobre outras informações de carácter biográfico, além do esboço de biografia de Soares Romeo Júnior, mostra-se ainda interessante o texto necrológico redigido pelo correspondente do jornal *Comércio do Porto*, logo após o falecimento de Silva Abreu⁹. Além destas fontes de informação conhecidas, falta explorar a correspondência epistolar do autor limiano; e ainda descobrir possíveis descendentes que, eventualmente, possuam outro tipo de documentos e de novidades.

2

Dedicado bibliotecário

*Homem dum só parecer,/Dum só rosto, uma só fé,/Dantes
quebrar que torcer.*

F. Sá de Miranda¹⁰

Além do percurso de liberal exilado, o autor limiano distinguiu-se pelo seu amor aos livros e pelo seu interesse pela ciência das bibliotecas, revelando-se um paradigmático bibliófilo e bibliógrafo. Regressado do exílio, em 1832, Manuel Rodrigues da Silva Abreu teve um papel absolutamente decisivo na fundação de uma Biblioteca Pública na cidade de Braga, tendo sido nomeado como primeiro bibliotecário da instituição¹¹.

Aqui, impõe-se uma palavra rápida de contextualização histórica. A actual Biblioteca Pública de Braga é, consabidamente, sucessora e depositária de

antigas livrarias, ou biblioteca pública, precedentes da actual, como apoio aos estudos ministrados nas escolas públicas, criadas no princípio do séc. XVI por iniciativa do arcebispo D. Diogo de Sousa, então confiada à Companhia de Jesus (cf. Feio, 1920: 5 ss.). Como nos lembra Jacques Paul (1973), é reconhecida a importância desempenhada, durante séculos, pelas bibliotecas conventuais e igualmente pelas escolas religiosas, como os colégios dos jesuítas, as escolas catedralícias ou as escolas conventuais – verdadeiras e únicas instituições universitárias durante muito tempo.

Em Braga, neste campo, sobressaíam o colégio de S. Paulo (1560-1759) e, mais tarde, a congregação do Oratório, por exemplo. Várias informações de que dispomos hoje vão no sentido de confirmar a existência de uma "livraria pública", junto da escola de S. Paulo dos Jesuítas bracarense. Convém lembrar que às escolas de Braga – fomentadas pelo Cabido da Sé de Braga ou pela Companhia de Jesus – concorriam alunos do Norte de Portugal em grande número.

Estas escolas e as instituições religiosas que as suportavam sofreram naturalmente as vicissitudes políticas, quer sob o governo do Marquês de Pombal (1759), quer mais tarde com a legislação liberal (1834). De facto, com a legislação liberal de 30 de Maio de 1834, na regência de D. Pedro – iniciativa do ministro Joaquim António de Aguiar, cognominado o "Mata-Frades" –, promulgando a extinção das ordens religiosas e a nacionalização dos seus bens, os conventos e mosteiros rapidamente entraram em degradação e ruína, fruto do abandono a que foram votados.

Meia dúzia de anos depois, essa situação de incúria motivou no Minho a reacção de alguns responsáveis, como a Câmara Municipal de Braga, que enviou uma representação ao governo de Lisboa, com o intuito de obviar a tão ingente problema, em 20 de Maio de 1840. Era então presidente da Câmara o bacharel Luís Joaquim Pereira de Mesquita. Afinal de contas, era patente "o desleixo em que se encontravam as livrarias dos extintos conventos do distrito de Braga, expostos à destruição em diferentes depósitos", como historia Alberto Feio (1920: 10).

A 13 de Julho de 1841, uma carta régia de D. Maria II cria a Biblioteca Pública de Braga, promulgada em *Diário do Governo*: "Fica autorizada a Câmara Municipal

da cidade de Braga, para prover pelos rendimentos municipais às despesas do material e pessoa, que forem indispensáveis para o imediato estabelecimento e conservação da Biblioteca Pública". Assim se promovia a conservação dos riquíssimos fundos oriundos das bibliotecas das extintas ordens religiosas do distrito de Braga¹².

Para a instalação inicial da nova biblioteca bracarense, foi escolhido o belo e nobre edifício da primeira metade do séc. XVIII, pertença da Congregação do Oratório, no Campo de Santa Ana (actual Avenida Central). Tratava-se do extinto convento oratoriano de S. Filipe de Néri, que também acolheu o Liceu de Braga. Só bem mais tarde, em 1934, a Biblioteca Pública de Braga é transferida para o antigo e restaurado Palácio dos Arcebispos, onde actualmente se encontra.

É no meio das referidas dificuldades financeiras que Silva Abreu escreve a Almeida Garrett, amigo influente, restabelecendo assim as relações anteriores. O limiano tem a ideia da fundação de uma biblioteca pública, em Braga, onde pudesse desempenhar o cargo de bibliotecário, adequado ao seu amor às letras. Porém, a princípio, Garrett não entende bem o pedido do amigo limiano e companheiro de exílio, pensando tratar-se de um lugar no Liceu bracarense: "Mande-me um requerimento seu pedindo o lugar do Liceu de Braga que lhe convém", dirá em carta Garrett (Amorim, 1884, II: 533).

A carta de Silva Abreu, então endereçada a Almeida Garrett, data de 8 de Julho de 1839. Dá notícia ao amigo da tradução que acabara de fazer do livro de Florian, *Eliezer*; e solicita-lha uma apreciação crítica, conforme podemos confirmar através da transcrição que dessa carta faz o biógrafo garretteano F. Gomes Amorim (1884, II: 515-517). Desempregado há três anos, Silva Abreu viu-se na obrigação de contrair dívidas. Para conseguir uma boa promoção e venda do livro, solicita a "protecção" de Garrett:

"Agora não tenho escrúpulo de furtar alguns momentos a V. Ex.^a porque enfim preciso deles, e os suplico a quem desde 1820 nunca soube negar-me a sua valiosa amizade e estima. – Pobre e forçado por consciência a despedir-me do serviço em Setembro de 1836, completei a minha tradução do *Eliezer* de Florian e por meio de alguns poucos centos de assinaturas que obtive, de 480 réis cada uma, consegui poder imprimir o poemeto, e salvar as despesas de toda a impressão" (cf. fig. 1).

Entretanto, Garrett teve conhecimento da referida representação camarária de Braga, solicitando ao governo uma solução para as extintas bibliotecas conventuais. Nesta sequência, procurou arranjar para Silva Abreu funções à altura da sua competência, que esbarram nos escrúpulos morais e políticos do limiano. O cargo de bibliotecário era uma função mais alheia à vida política, comparado com as antigas funções ao nível do governo civil. Respondendo à carta de Silva Abreu, em 19 de Agosto de 1839, Garrett convida-o para sócio-correspondente do Conservatório dramático; e agradece-lhe a oferta da tradução de *Eliezer* de Florian, comprometendo-se a escrever sobre o trabalho de Silva Abreu para o jornal *Correio de Lisboa*:

“Gostei muito do seu *Eliezer*, do seu estilo português sobretudo, e da coragem resignada do tradutor que ousou – como o seu autor – em tempos de impiedade filosófica, a mais perversa das manias humanas – falar no cristianismo, na religião e em suas belezas e virtudes” (Amorim, 1884, II: 520).

Até que, por conjugação de vários esforços – do amigo e deputado António Dr. José Lopes Alheira¹³, do presidente da Câmara de Braga, o bacharel Luís Joaquim Pereira de Mesquita, e do próprio Almeida Garrett – surge uma saída para a aflitiva situação do honrado e escrupuloso limiano: a ideia do estabelecimento de uma Biblioteca Pública, reunindo assim os acervos das desleixadas bibliotecas conventuais de Braga e arredores.

Depois de portaria governamental – que realça o “mérito e boas letras do bacharel” limiano e o nomeia bibliotecário, a 27 de Julho de 1840 –, os trabalhos de Silva Abreu iniciam-se nesse mesmo mês e ano, reunindo e instalando a Biblioteca Pública no edifício do convento da congregação do Oratório, o extinto convento dos Congregados. Sabemos que portaria governamental de 27 de Julho de 1840 é redigida por Garrett¹⁴, encarregando o futuro bibliotecário das suas funções, como historiado por Alberto Feio (1920: 19):

“Convindo encarregar desde já um homem literato do cuidado de coligir e examinar as Bibliotecas dos extintos conventos do Distrito de Braga, fazer os respectivos catálogos, e informar sobre o apreço dos diferentes manuscritos que ali existem”.

Deste modo, a primeira grande etapa que incube ao bibliotecário é visitar cada uma das bibliotecas de conventos e mosteiros e trazer para Braga o seu acervo, evitando naturais repetições bibliográficas. O seu árduo labor de arrumação e catalogação do acervo da nova Biblioteca Pública é assim resumido no *Diccionario Popular* de M. Pinheiro Chagas (1876, I: 25):

“Imerso na sua biblioteca, feliz por se ver no meio de livros, arrumando, classificando, trabalhando sempre, gastando em parte o seu exíguo ordenado de 300\$000 réis em reparações do edifício, quando a Câmara de Braga se esquivava a fazer as despesas, Rodrigues de Abreu passou ali os vinte e tantos anos da sua verde e robusta velhice, sereno, afável, simpático a todos, e feliz na realização das suas modestas ambições. A sua velhice foi, como diz o poeta francês da velhice dos homens de sã consciência, *le soir d'un beau jour*.”

Director da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga¹⁵, Alberto Feio (1920: 13) também resume o essencial do labor do novo bibliotecário limiano, salientando “o improbo trabalho da organização da Biblioteca, enchendo trinta e uma celas do convento do Oratório com a massa enorme de vinte livrarias monásticas, procedendo cuidadosamente à escolha e classificação dos volumes”. No entanto, apenas a 26 de Agosto de 1842 Silva Abreu é nomeado oficialmente bibliotecário de Braga, a partir do decreto de 16 de Junho desse ano; embora já estivesse em funções há muitos meses.

Ora, conforme informação de Silva Abreu a Garrett (cf. Amorim, 1884, II, 595), o estabelecimento do fundo inicial da nova Biblioteca Pública de Braga foi constituído por cerca de 25000 volumes, oriundos das vinte bibliotecas conventuais da região. Isso mesmo nos é recordado também por Alberto Feio e Henrique Barreto Nunes (1998: 307-8), descrevendo um bibliotecário sempre preocupado com o montante das despesas suportadas pelo município bracarense:

“Rodrigues Abreu reduziu por tal forma os gastos a fazer, que as suas contas revelam prodígios interessantes. Recolheu ao edifício dos Congregados, a juntar aos 5000 volumes da livraria daquela casa, os livros do Carmo, Falperra, S. Frutuoso, Pópulo e Tibães, do concelho de Braga; os de S. António dos Capuchos, Casa da Cruz, Costa, D. Domingos e S. Francisco, de Guimarães; Franqueira, S. Francisco, Palme e Vilar de

Frades, de Barcelos; Rendufe e Bouro, de Amares; Arnoia, de Celorico de Basto e Refojos e Colégio de S. Bento, de Cabeceiras de Basto, com que se constituiu o fundo inicial da Biblioteca” (Feio, 1920: 59).

Contudo, o dedicado e honesto bibliotecário limiano iria defrontar-se com dificuldades consideráveis, criadas pelos futuros e mal intencionados responsáveis das sucessivas vereações camarárias de Braga, nomeadamente na figura do presidente António Vieira de Araújo. A afronta do mal intencionado e vingativo presidente chega às Câmaras dos Pares e dos Deputados. Apesar do veemente protesto de ilustres bracarense e do próprio Almeida Garrett, é obstaculizada por vários meios a viabilidade do projecto de Silva Abreu. Funcionário do Estado, o nobre bibliotecário não aceita as várias ingerências não justificadas e humilhantes do município bracarense, acabando por ser suspenso do exercício de funções e do respectivo vencimento.

Com efeito, a polémica a propósito do moroso processo de organização da nova Biblioteca Pública assumiu rapidamente proporções públicas, sobretudo pelo anos de 1854 a 1859, através da publicação de textos vários, ora sob a forma de manifesto, ora de correspondência divulgada nas páginas de vários jornais – *O Murmúrio*, *O Pharol do Minho*, *O Moderado*, *O Independente*.

Neste contexto, a par das intervenções nos periódicos, Silva Abreu publica a brochura *Biblioteca de Braga: Manifesto*, em 1857, num momento que pede a resignação do cargo. Depois do trabalho feito, e de consciência tranquila, o bibliotecário pretende dar conhecimento da correspondência oficial a propósito do caso polémico da Biblioteca Pública. A peça central deste texto-manifesto é a “Resposta ao Presidente da Câmara”, Francisco de Campos d’Azevedo Soares. O bibliotecário apresenta-se, orgulhosamente, como técnico sob a tutela do Governo; e nunca como empregado da Câmara Municipal, embora o seu vencimento fosse pago pela edilidade, segundo a legislação do tempo.

O título completo da brochura é, aliás, bem elucidativo dos seus propósitos: *Biblioteca de Braga – Correspondência Oficial ou Manifesto, cuja leitura o ex-bibliotecário abaixo assinado apresenta aos seus amigos, a fim de que nem por longe o considerem rebelde às leis; – antes creiam que foi unicamente por ser escravo das leis, que ele se não vergou ao simples capricho de homens.*

O bibliotecário não aceita ingerências injustificadas no seu trabalho consciencioso de conservação da Biblioteca Pública; não compactua com “aberturas fictícias” impostas pela edilidade; e, sobretudo, não permite que manchem o seu bom nome de homem de bem.

Convém assinalar que as intervenções públicas de Manuel Rodrigues da Silva Abreu têm algumas particularidades, merecendo realce duas: primeiro, os seus textos (ao contrário do acontece com as produções poéticas ou as traduções/versões) são sempre assinados pelo seu nome completo; segundo, o estilo usado pauta-se por uma urbanidade assinalável. Ou seja, o bibliotecário limiano defende convictamente as suas ideias, não se escondendo detrás de iniciais ou pseudónimos; e expõe os seus argumentos corajosamente, com educação, procurando esclarecer e convencer.

Muito resumidamente, como organizador do depósito ou acervo da Biblioteca Pública, Silva Abreu deparava-se com uma tarefa gigantesca – arrumar e catalogar milhares de livros oriundos das várias bibliotecas conventuais do distrito de Braga. A dada altura, o bibliotecário sente necessidade de escrever para o jornal *O Murmúrio* – ao longo de diversos números do jornal e por várias páginas – acerca, por exemplo, das “Preciosas riquezas que existem no interino depósito da biblioteca de Braga, pelo que pertence à literatura clássica, grega, latina e portuguesa”¹⁶.

Ora, no seu entendimento, para cumprir essa tarefa, exigia-se tempo (talvez longo demais) e condições. Porém, ontem como hoje, as preocupações do trabalho consciencioso e do rigor científico nem sempre se coadunam com as orientações dos responsáveis políticos. Assim se compreendem as pressões e ingerências da Câmara Municipal, por um lado; e por outro, as reacções do bibliotecário que chega ao extremo de, mais do que uma vez, solicitar a sua exoneração. Para melhor entendermos o confronto que então se viveu, simplifiquemos as coisas nos seguintes termos.

O bibliotecário vê-se investido da nobre função de velar pelo riquíssimo património da sua biblioteca; mas na cidade de Braga há quem deseje ter rápido acesso ao valioso acervo. O bibliotecário propunha que o trabalho devia ser feito criteriosamente; mas a Câmara de Braga pretendia acelerar o processo.

O bibliotecário sugeria obras do edifício dos Congregados, de modo a poder assegurar a conservação dos livros ao seu cuidado; mas os responsáveis da edilidade achavam essas obras desnecessárias. O bibliotecário solicita condições de acomodação dos milhares de livros; e vê entre parte do edifício dos Congregados invadido pelo Liceu e sobretudo perturbado pelas tropas na revolta da “Maria da Fonte”, em Abril de 1846. O bibliotecário reivindicava pessoal para o auxiliar nas exigentes tarefas; mas da Câmara Municipal recebia a intimação para abrir à cidade, imediatamente, a nova Biblioteca Pública.

A falta de condições de trabalho, a ausência de colaboradores qualificados, o clima de tensão entre o bibliotecário e os responsáveis da edilidade, tudo contribuiu para que a abertura da Biblioteca Pública fosse sendo protelada no tempo. Uma vez aberta aos leitores, e sobretudo por problemas de saúde do velho bibliotecário e pela falta de pessoal, a nova biblioteca teve um funcionamento irregular.

Toda esta situação manifestamente tensa e as vicissitudes por que passou o edifício dos Congregados, após o decreto de 28 de Maio de 1834 – que extinguiu as ordens religiosas em Portugal –, é rapidamente historiada por Jerónimo Pimentel, em 1888, cerca de vinte anos depois dos acontecimentos referidos. Este colaborador do jornal bracarense *Regenerador* refere-se, neste contexto, à nomeação de Manuel Rodrigues da Silva Abreu como bibliotecário e ao seu moroso trabalho de preparação da futura Biblioteca Pública:

“A abertura da biblioteca, sem embargo do bibliotecário haver sido nomeado por carta régia de 26 de Agosto de 1842, levou largos anos a realizar-se.

Formada das bibliotecas dos extintos conventos do distrito de Braga, cujos livros que escaparam à pilhagem e ao descaminho, haviam sido amontoados nos cubículos da Congregação, devia levar muito tempo a coligir e a catalogar.

Tinham porém já decorrido 21 anos, depois que a lei a mandara estabelecer, e ela ainda era como vedado ao público.

O bibliotecário, Manuel Rodrigues da Silva Abreu, um bom velho, muito ilustrado e muito rabugento, punha mil dificuldades à sua abertura, até que em 1862 lhe foi ordenado terminantemente que desde o princípio de Novembro fosse patenteada ao público”¹⁷.

A este propósito, mostram-se ainda curiosos dois breves episódios de visitas ilustres à nova Bibliotecas Pública. Primeiro, foi a visita de Alexandre Herculano, em 9 de Agosto de 1854, “a quem Rodrigues mostrou os atropelos de que estava a ser vítima”. E conta-nos Alberto Feio (cf. 1920: 45) que o célebre historiador – reparando “em todas aquelas selvajarias” e na ligação interna com o Liceu – deu razão às queixas do bibliotecário bracarense, tendo dito na ocasião a Silva Abreu: “confesso-lhe que se não visse com meus próprios olhos tão prodigioso disparate, decerto não o crera, embora o afirmasse fosse quem fosse”.

A segunda visita à Biblioteca Pública de Braga é do próprio rei D. Pedro V, a 29 de Agosto de 1859, acompanhado pelo infante D. João, o Ministro das Obras Públicas e por outras individualidades. Ora, queixando-se frequentemente o bibliotecário de falta de condições do edifício dos Congregados, acontece um lance curioso e acidental, que reforçou o ponto de vista de Silva Abreu:

“Passando o monarca da galeria dos leitores para os cubículos dos Oratorianos, onde muitos milhares de livros estavam empilhados, e ouvindo os queixumes do bibliotecário, contra o desleixo de passadas Câmaras Municipais, que não cumpriram a lei que ordenava o *imediate estabelecimento e conservação* da Biblioteca, uma circunstância imprevista veio mostrar a verdade das acusações de Abreu. O soalho, velho e carcomido, rompeu-se debaixo dos pés do rei, ficando este com uma perna entalada nas tábuas carunchosas. Lucrou a Biblioteca com o desastre, porque, na ocasião, o Ministro das Obras Públicas se comprometeu a mandar desfazer os cubículos, que seriam transformados em amplas salas, promessa que só foi cumprida muito tempo depois” (Feio, 1920: 55).

Falta apenas lembrar que Silva Abreu não se limita ao trabalho incansável de conservador e bibliotecário. Também se deu ao trabalho de reflectir a arte, técnica ou ciência da biblioteconomia. Escrito aos 70 anos, o estudo breve editado em Braga, no ano de 1863, intitula-se *Novidades biblioteconómicas, ou refutação de cinco absurdos, que geralmente, e há séculos, se sofrem no serviço das bibliotecas públicas, reduzidos todos à obediência ao simples senso comum*. Como sintetiza Raul Proença (1920: 43), o estudo de Silva Abreu revela bem o homem e o profissional desta área, num tempo em que a ciência das bibliotecas era bem pouco conhecida entre nós, mau grado os avanços no

estrangeiro. Enfim, trata-se de uma série de considerações práticas, apresentadas pelo bibliotecário bracarense como o seu "testamento" profissional.

Quando Silva Abreu falece, a 6 de Dezembro de 1869, depois de uma vida de enormes canseiras, estavam elaborados os catálogos da Biblioteca Pública¹⁸, que se usaram até aos princípios do séc. XX, conforme informação de Alberto Feio (1920: 59). Ao velho bibliotecário limiano – que dedicou à nova Biblioteca Pública de Braga cerca de 30 anos da sua vida –, sucede 2.º bibliotecário Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu, agora promovido a 1.º bibliotecário, por decreto de 18 de Dezembro de 1869. O citado Alberto Feio (1920: 58) refere-se a Silva Abreu como um bibliotecário exemplar:

"Gastando os dias a fio, de manhã à noite, no serviço da Biblioteca, foi ele o primeiro dos bibliotecários portugueses que teve a compreensão da sua função social, estudando e resolvendo problemas práticos de biblioteconomia, auxiliando com seu saber e experiência os novos, que procuravam instruir-se na velha capital do Minho, e que recorriam ao bibliotecário como o mais seguro dos mestres" (cf. fig. 2).

3 Poeta-tradutor

Rodrigues de Abreu juntava às qualidades do coração as do talento.

Soares Romeo Júnior

Uma outra faceta da figura de Manuel Rodrigues da Silva Abreu é a de homem sensível e talentoso, dado à leitura literária, mas igualmente à criação poética e à tradução de diversos autores. Certamente a formação coimbrã e o convívio com a academia universitária, a sua tendência de bibliófilo, bem como a intimidade com alguns espíritos como Almeida Garrett, terão influenciado positivamente esta vocação literária da figura limiana.

Autor do primeiro esboço biográfico, Soares Romeo Júnior (1870: 21) caracteriza assim os autores de eleição do bibliotecário natural de Ponte de Lima, bem como o seu amor pela pureza da Língua pátria:

"(...) adorava o bom Filinto para extasiar-se ante os voos audaciosos de Garrett; e nos últimos anos da sua vida, dizia, beije em Paris, quando emigrado, a campa que escondia no Père-Lachaise Francisco Manuel do Nascimento, como hoje, neste meu retiro lamento a falta de Almeida Garrett. Foram ambos mestres, aquele na vernaculidade da língua, este na forma e na elegância. Os vindouros têm ali muito que aprender".

Mais uma vez, predomina também aqui uma certa atitude de modéstia e de recato por parte do autor limiano, que quase sempre assina os textos que publica – de tradução ou da sua inteira criação – apenas com as iniciais *M.R.S.A.* Noutros casos mais raros, aparece *M.R. da Silva Abreu*. Sobretudo o primeiro procedimento pode constituir numa ou noutra situação uma dificuldade no que respeita à atribuição de autoria de determinado texto.

Particularizemos melhor esta faceta do desconhecido autor limiano. O autor limiano não escreveu muito, nem traduziu muitas obras, é verdade. Em todo o caso, o seu trabalho nestes dois domínios merece alguma atenção. Os que o conheciam realçam a exigência que este homem colocava em tudo o que escrevia, explicação que só abona em favor da maturidade linguística e estética deste autor:

"(...) escreveu pouco, mas tudo quanto fez não lhe saiu das mãos senão depois de muito limado e correcto. As suas traduções, que constituem a sua principal bagagem literária, têm um cunho de vernaculidade, que as distingue de quase todas as que se têm publicado, neste século, em Portugal"¹⁹.

Entre os autores dos trabalhos de tradução empreendidos por Silva Abreu, estão os franceses Florian e Lamartine, os ingleses Goldsmith, Milton ou Lord Byron; mas também clássicos como Homero. Na maior parte dos casos, não traduziu obras integrais, mas apenas excertos seleccionados.

A este propósito, sabemos ainda que os seus trabalhos de tradução foram iniciados durante a experiência de emigração ou exílio forçado. Foi nestas

circunstâncias que iniciou, por exemplo, a tradução integral da obra *Eliezer ou a Ternura Fraternal* de Florian²⁰, em quatro cantos (cf. fig. 3). Nas palavras finais que apõe ao seu trabalho, o próprio tradutor recorda as circunstâncias da tradução e o benefício do incentivador olhar crítico de Almeida Garrett:

“O primeiro canto que ainda traduzi quando desterrado, foi submetido em Lisboa, nos começos de 1834, à censura de um dos melhores Aristarcos de Portugal, e nem menos que o célebre autor de *D. Branca*, amigo meu desde Coimbra, e a quem sou hoje e serei sempre em todo o tempo sincera, sumamente obrigado” (Abreu, 1838: 107).

Aliás, convém recordar as palavras prologais do tradutor de *Eliezer*, enfatizando a necessidade da existência de um sentimento fraternal universal entre todos os homens – afinal uns dos ideais da Revolução Francesa (*fraternité*). Só esse sentimento poderia superar as diferentes opiniões políticas, sobretudo em épocas profundamente conturbadas como as primeiras décadas do séc. XIX:

“Desenganem-se os povos que, faltando entre os cidadãos o amor fraternal, serão baldadas todas as teorias dos seus doutores, em terão resultado algum de constante prática essas tentativas de Constituições e Cartas, tantas vezes repetidas, tantas e tão atraçoadamente malogradas”²¹.

Publicada em 1839, a tradução de *Eliezer ou a Ternura Fraternal* de Florian, foi bem acolhida pela crítica contemporânea de Silva Abreu. A título de exemplo, recordem-se as apreciações elogiosas recebidas por este trabalho de tradução: de António Feliciano de Castilho no *Director* (10 de Agosto de 1839); de Almeida Garrett no *Correio de Lisboa* (10 de Setembro de 1839); e de Alexandre Herculano na revista *O Panorama* (29 de Fevereiro de 1840). Curiosamente, o exemplar de *Eliezer* que Silva Abreu doou, em 1840, à Biblioteca Pública de Braga tem duas particularidades: primeiro, uma breve dedicatória manuscrita do autor-tradutor; segunda: uma página impressa e colada antes da folha de rosto, intitulada “Testemunhos em favor desta versão”, onde o autor faz referência às abonatórias críticas de Castilho, Garrett e Herculano (cf. fig. 4).

O texto da elogiosa apreciação crítica de Garrett é reproduzido integralmente por F. Gomes Amorim (cf. 1884, II: 536-540). O autor das *Folhas Caídas* aprecia,

desde logo, a qualidade gráfica da edição de *Eliezer*, proporcionada pela “ciência do tipógrafo” bracarense; elogia a vernaculidade da língua, sob a lição e exemplo de Filinto Elísio; apresenta o enredo da obra de Florian e a sua inspiração bíblica; sublinha os ideais de fraternidade que a enformam; enfim, reitera a virtude da linguagem do tradutor:

“O estilo é puro, a linguagem casta. Acaso algum *prelucho* notará, aqui, ali, seu Filintismo que dirão fanático pelo muito que o A. se vê que desconfiou se si para confiar às cegas em seu mestre.

Por mim, que não sou tão escrupuloso, regalei-me com a leitura do bom Florian, que foi hebreu e depois francês, mas agora é português deveras; e estou que assim sucederá a todos os que o lerem e souberem apreciar como esta linda composição merece” (Amorim, 1884, II: 540).

Como era de esperar, o autor limiano mostra-se extremamente lisonjeado pela crítica de Garrett, manifestando o seu sentido agradecimento em carta de 10 de Outubro de 1829: “Agora agradeço do coração a remessa no n.º 382 do *Correio de Lisboa*, e a do *Corsário*, que me colheu de sobressalto, pois que nem o nome lhe tinha ouvido. V. Ex.^a para mim nunca se cansa em favores e bondades, e eu só posso retribuir com a simples verdade de dizer-me com todo o respeito e gratidão — De V. Ex.^a — Am.^o do c. e cr.^o ob.^{mo} — *M. R. da Silva Abreu*” (Amorim, 1884, II: 543).

Curiosamente, conhecemos os manuscritos autógrafos em que Silva Abreu copia as intervenções críticas de Garrett e de Herculano. De facto, também Herculano, por exemplo, não poupou louvores à versão de Florian, composta por Silva Abreu, escrevendo na prestigiada revista referida *O Panorama*:

“Eis aqui uma tradução daquelas que dão tanta honra ao tradutor, quanta o original dá ao autor. Todos conhecem o mimo e a graça de quanto escreveu Florian; mas nem todos sabem que uma das suas mais formosas composições se acha trasladada em nossa língua, sem que perdesse uma única das suas galas nativas. Por tal arte se houve o tradutor, tão aprimoradamente trabalhou, concertou e poliu a sua versão, que a não ser tão conhecida na antiga literatura francesa pudera passar por nascida em terra de Portugal, pelo torneado das frases ser nesta obrinha essencialmente português, e os vocábulos castiços, sem que entre eles

apareçam descuidos em que muitas vezes caem ainda os bons tradutores. Quanto à obra em si escusado é falar do seu mérito; basta dizer que o seu objecto é o mais santo dos sentimentos humanos, o amor fraterno, e que foi Florian quem escreveu o livro”²².

Outra área de trabalho de Manuel Rodrigues da Silva Abreu, ao nível da actividade de tradução, foi constituída pela assídua colaboração com jornais, onde sobretudo publicava traduções poéticas dos seus autores de eleição. Estas opções revelam não só o seu gosto pessoal em matéria literária, mas também naturalmente as tendências da estética romântica do tempo²³. Vejamos alguns exemplos.

Já em 1836, no jornal bracarense *O Cidadão Filantropo*, aparecem publicados o poemas *Absência* e *O Adeus dum proscrito*, sem mais nenhuma indicação, para além das iniciais do seu autor. Só um estudo mais atento confirmará de estamos perante traduções ou poemas originais de Silva Abreu.

Em 1853, na revista *Instituto*, publicou o poema *O Cair da Folha*, apresentado como imitação de Millevoeye, já anteriormente traduzido por Alexandre Herculaniano²⁴. E em 1856, no jornal *Murmúrio* [Braga], publicou textos de Goldsmith (*O Eremita*); *Lamentações de Jeremias ou Trenos*; o *Combate dos anjos e demónios*, do Canto VI do *Paraíso Perdido* de J. Milton (vv. 628-678); e o *Cântico de Moisés* (cf. fig. 5).

Em 1860, publicou nos jornais *Independente* [Braga] e *Ecco Popular* [Porto] a tradução de um excerto da *Odisseia* de Homero, autor que atrai a atenção do tradutor limiano²⁵. O autor escolheu a famosa passagem que narra o episódio de *Os Pretendentes* (canto I, vv. 324-424). Por sua vez, Inocêncio F. Silva (1862: 97-98) acrescenta ter em sua posse um autógrafo de Silva Abreu (por oferta pessoal do “ilustre tradutor”), contendo a tradução ou “versão” de outro fragmento homérico – *O Encontro de Diomedes e de Glauco* (livro VI da *Ilíada*, vv. 119-236), em 171 hendecassílabos portugueses. Convém acrescentar que a tradução é feita, não directamente a partir do grego, mas possivelmente sobre a tradução francesa de Paul-Jérémie Bitaubé.

Em 1861, no jornal *Bracarense*, publicou a tradução da “meditação” de Lamartine, intitulada *O Homem*. Curiosamente, este texto do autor francês já havido sido

traduzido para português, como é lembrado na nota introdutória²⁶. E em 1872, já depois da morte de Silva Abreu, publica o jornal *O Operário* [Braga], ao longo de vários números, o Canto I do texto poético de Lord Byron, intitulado *O Corsário*; bem como *O Bardo* (versão do inglês). No mesmo periódico, republica-se o poema *O Homem*, de Lamartine; e ainda *O Mérito das Mulheres*, de Félicie-Marie-Émilie d'Ayzac, aparecido também em diversos números do referido jornal²⁷ (cf. fig. 6).

No capítulo das poesias originais, a criação é bem menos abundante, pelo menos tanto quanto conseguimos apurar pelas informações recolhidas para este estudo. Naturalmente, é uma escrita poética que comunga dos princípios que norteiam a estética romântica do tempo. Fiquemos, a título de rápido exemplo do lirismo amoroso do autor limiano, com o soneto intitulado *O Retrato*, publicado *post-mortem* no jornal bracarense *O Operário*, em 1872:

"Uns olhos de celeste formosura,
Na face o lírio e a rosa disputando,
Entre abertos rubis per'las mostrando,
Toda primor no gesto e na figura:

Um trato d'ameníssima brandura,
Sempre aos ais do infeliz alívios dando;
Virtude, amor, delícias modulando
Nos sons da meiga voz toda ternura:

Se a tantos dous e prendas se une agora,
O enleio encantador que enleva a lira
E as almas rende, os corações namora;

Eis a imagem fiel da que m'inspira,
Desse númen do céu, qu'esta alma adora
Por quem só vive, por quem só respira."

Porém, nem só de lirismo amoroso vivia a pena de Silva Abreu. Recuando no tempo, vamos encontrá-lo exilado na cidade francesa de Rennes. Como seguidor indefectível de D. Pedro, o "émigré português" não consegue ficar indiferente aos libelos que visam o amado Príncipe. Então, em 18 de Julho de 1832, teve a ideia de dirigir aos habitantes de Rennes uma espécie de carta-

-aberta em defesa do fundador da Carta e das novas liberdades em Portugal; e, ao mesmo tempo, contra os maldizentes perseguidores, os miguelistas que rodeiam a tirania absolutista.

Para ilustrar o seu veemente protesto, sob a forma de intervenção em prosa, redigida em nome dos compatriotas ali residentes, Silva Abreu (s.d.) junta-lhe este humorado soneto, visando um crítico presumido, conforme se pode ler em nota que acompanha o "poemeto":

"REBUÇADO
OU
PASTILHA ACRÓSTICA²⁸,
Muito estomacal para um censor
ignorante e presumido
SONETO

Ceci s'adresse à vous, esprits du dernier ordre,/ Qui n'étant
bons à rien, cherchez surtout à mordre" (La Fontaine)

Voto emitir com crítica e decência;
Assunto em verso ou prosa, com severa
Razão pesar e mérito, é de esfera,
Obra é de rara, e não vulgar ciência.

Esse Aristarco egrégio, em consciência,
Relata o bem e o mal; e até quisera,
Num golpe dado, quanto vitupera,
Unção verter-lhe d'anódina essência.

Mas, que merece o Zoilo, que atrevido,
Cáustico, o ruim só nota, e por pirraça,
Oculta o belo, e torce o bom sentido?

Reles pigmeu das letras, por chalaça,
Nu de pé e perna, e de cabiz caído,
O rebuçado imposto satisfaça."

Escusado será acrescentar que haveria curiosidade em proceder à reunião de toda a actividade literária e cultural de Silva Abreu, através da reprodução

sobretudo dos seus textos poéticos – quer de tradução/versão, que de criação original. Assim se teria uma visão de conjunto de uma obra de criação quantitativamente pouco extensa, mas não isenta de interesse.

Inesperadamente (ou não), encontramos numa ficção de finais do séc. XIX, a figura de Manuel Rodrigues da Silva Abreu. Deve-se a Alberto Pimentel (1849-1925), prolífico autor da segunda metade de oitocentos e primeiro quartel de novecentos, autor especialmente conhecido pelas suas incursões camilianas. Referimo-nos à breve narrativa intitulada *Idílios à Beira d'Água* [1.ª ed., 1870], que tem a dimensão e estrutura de uma novela (“romancezinho”), sendo apresentada pelo seu autor como uma das suas primícias da juventude.

A fonte autenticadora do relato é um credível padre, que o autor-narrador encontra, por acaso, numa amena deambulação sob as frondosas ramagens do Bom-Jesus de Braga, com a sua admirável alameda da Mãe d'Água. Por que não escrever sobre os segredos que aquelas árvores ocultam? – é o desafio do padre ao jovem escritor: “(...) confie à sua memória os apontamentos que lhe vou dar”. O cenário e o estado de alma do padre logo indiciam que o relato que se anuncia configura um idílio amoroso, de tonalidades passionais.

Porém, para o presente estudo, o interessante deste relato é tomar a figura histórica de Manuel Rodrigues da Silva Abreu como personagem, numa simpática e singular forma de homenagem²⁹. O bibliotecário bracarense é aí apresentado como o amigo e conselheiro de um jovem (Eduardo Valadares), filho de um antigo colega da Universidade de Coimbra, Sebastião Valadares, natural de Viana, com quinta junto ao rio Lima. O percurso deste antigo colega foi o mesmo de Silva Abreu, que já conhecemos, e a amizade então travada não esmorece – afinal, “Os amigos que se adquirem na desgraça são os verdadeiros”, costumava dizer o bacharel:

“Compelido a emigrar, Sebastião Valadares vizinho em Rennes de Almeida Garrett e de Manuel Rodrigues da Silva e Abreu. Aí, nas angústias do desterro, se estreitaram os laços que os deviam prender toda a vida. Em 1832 voltaram à pátria os saudosos emigrados: Manuel Rodrigues da Silva e Abreu era nomeado oficial do governo civil de Braga; Almeida Garrett voltava à política e à literatura; e Sebastião Valadares casava e abria banca de advogado no Porto” (Pimentel, 1903: 56).

Em 1851, o bacharel Sebastião Valadares sabia que “Manuel Rodrigues da Silva e Abreu estava a esse tempo exercendo o cargo de primeiro bibliotecário da Biblioteca de Braga” (*ibidem*: 57). Por isso, escreveu ao amigo bracarense a solicitar orientação para o filho, que ali crescia ao cuidado dos avós. O próprio narrador-autor de *Idílios à Beira d’Água* testemunha a veracidade do retrato que de seguida apresenta ao leitor:

“O autor deste livro reiteradas vezes teve a felicidade de, na sala da biblioteca bracarense, ouvir a palavra sempre fluente e amena de Rodrigues Abreu. Infundia respeito ver levantar-se aquele busto venerando, coberto de cãs, dentre montões de livros a que ele chamava *a sua família*. Uma vez bibliotecário, empenhou-se afanosamente pela causa da biblioteca. Não se cansou de pedir os indispensáveis melhoramentos materiais, dos quais o primeiro era inquestionavelmente maior espaço para a conveniente arrumação de preciosos livros que jaziam a monte.” (*idem*: 58).

Neste relance memorialístico, segue-se a referência aos cansativos trabalhos de Silva Abreu; bem como às suas publicações, quer de biblioteconomia, quer de poesia. O tom geral é o de manifesta admiração pela figura do bibliotecário bracarense.

Com efeito, é também conhecido e louvado o apoio que Silva Abreu dava aos jovens estudiosos e literatos que o abordavam, sobretudo nas instalações da Biblioteca Pública, como Soares Romeo Júnio ou António Maria Fonseca; teve mesmo um papel decisivo na carreira literária de alguns, como o bracarense Delfim de Almeida. Como escritor, teve direito ao diploma da Academia das Ciências de Lisboa. No final de uma vida de trabalhos, o autor limiano é surpreendido por um acidente que, pouco depois, o leva à cama e depois à morte:

“Em Janeiro de 1868, indo visitar um amigo, deu uma queda que o deixou tão molestando, que teve de começar a andar de muletas. Nunca mais se restabeleceu completamente, e a 4 de Dezembro de 1869, teve um ataque apopléctico, de que veio a falecer no dia 6, às 10 horas da manhã. Foi enterrado na igreja dos Congregados, em Braga”³⁰.

O referido Soares Romeo Júnio (1870: 16) conheceu pessoalmente o bibliotecário Silva Abreu em Novembro de 1865, traçando dele este sugestivo retrato: “Tinha então 72 anos, era alto de estatura, rosto claro e comprido, nariz proeminente,

olhos escuros e a fronte espaçosa, coroada de alvíssimas cãs. Apesar dos anos, conservou sempre juvenil o seu espírito, e a sua conversação foi sempre atraente; e quem pela primeira vez o escutasse, conhecia facilmente que tinha ante si um homem respeitável". Já o correspondente do jornal *Comércio do Porto*, redige assim o seu texto necrológico sobre o desaparecimento de Manuel Rodrigues da Silva Abreu:

"As letras portuguesas acabam de perder um dos seus mais assíduos cultores; as musas um filho dilecto; e a pátria um cidadão que a enobrecia. Na segunda-feira, entre as 9 e 10 horas da manhã, findou a existência o Sr. Manuel Rodrigues da Silva Abreu, bibliotecário da livraria pública desta terra.

Nascido em Ponte do Lima, vila memorável pelas margens saudosas do rio que as banha, contava o ilustre finado pouco mais de 76 anos, como vindo à luz em 14 de Agosto de 1793"³¹.

E assim Manuel Rodrigues da Silva Abreu – romântico e liberal, dedicado bibliotecário e apreciável poeta-tradutor – faleceu em Braga, a 6 de Dezembro de 1869, com 76 anos de idade, vítima de um ataque apopléctico. As cerimónias fúnebres tiveram lugar na igreja dos padres da Congregação do Oratório de Braga.

Morreu como viveu, modestamente. O referido biógrafo Soares Romeo Júnior (1870: 79) elogia, sob influência de funda amizade: "Entre os filhos mais distintos de Portugal, Rodrigues de Abreu tinha um lugar de honra. Português de lei, homem virtuoso, liberal sincero e erudito escritor, todos estes dotes ele possuía em elevado grau". E o referido correspondente do jornal portuense *Comércio do Porto* terminava assim a sua prosa, não sem um ponta de amarga ironia: "São muitos, segundo corre, os pretendentes ao lugar que o falecido deixara vago".

A terminar, não posso deixar de referir uma oportuna reflexão do biógrafo garretiano, Francisco Gomes Amorim. Antes de transcrever a oitava carta de Silva Abreu – talvez a mais interessante, pela sua natureza autobiográfica –, tem um interessantíssimo comentário, que caracteriza admiravelmente a figura do bibliotecário bracarense. Neste contexto, o biógrafo imagina o leitor a perguntar-se por que concede tamanha importância a uma figura relativamente

secundária e até apagada, como Silva Abreu, quando Garrett lidou com as mais altas figuras do Estado e da cultura do seu tempo. Ouçamos a notável reflexão do biógrafo:

“Talvez que alguém se admire de eu dar tamanha importância ao pobre velho, que morreu obscuro, ao passo que não dou quase notícia, ou a dou demasiado concisa, de muitas das notabilidades que tiveram íntimas relações com o nosso poeta [Garrett]. Quem primeiro deu consideração a Silva Abreu foi Garrett. Aquele e José Manuel Monteiro, são os que tenho nos meus apontamentos como dos seus mais íntimos e estimados amigos. Não falta nunca quem fale e escreva dos grandes; por isso, justo é que eu me ocupe de um que, parecendo pequeno, valia mais que muitos ilustres. A virtude e a probidade não fazem ruído: passam na terra humildes e encolhidas; mas quem as ama e respeita, não pode deixar de lhes prestar homenagem, nas raras vezes que as encontra” (Amorim, 1884, III: 689).

Justas palavras estas, aplicadas ao incansável e íntegro Manuel Rodrigues da Silva Abreu – “um que, parecendo pequeno, valia mais que muitos ilustres” – belo e justo comentário este, acerca da figura deste tão ignorado limiano. De facto, sobre este limiano de que se traçou um sumário perfil – de homem coerente, honesto e trabalhador; de bibliotecário dedicado; e ainda de poeta e tradutor – desceu um verdadeiro manto de silêncio, em consonância, aliás, com a honestidade e a despreensão que sempre pautaram a sua vida. Aqui se apresenta, pois, em breve relance, um autor que talvez mereça estudo mais aprofundado em ocasião mais oportuna. E, sobretudo, aqui fica um perfil a solicitar alguma forma de justa homenagem – quer da vila de Ponte de Lima, que o viu nascer; quer da cidade de Braga, onde foi o primeiro bibliotecário da Biblioteca Pública.

Notas

¹ Agradeço ao Senhores Drs. Henrique Barreto Nunes (Director da Biblioteca Pública de Braga) e Eduardo Pires Oliveira (técnico da mesma Biblioteca) a gentileza de alguma informação bibliográfica e iconográfica que permitiu a redacção e ilustração deste artigo.

² Epígrafe escolhida por Silva Abreu para a sua publicação *Biblioteca de Braga – Manifesto* (1857).

³ *Jornal O Comércio do Lima*, n.º 555, de 2 de Dezembro de 1917 – *apud* Miguel Roque dos Reys Lemos, 2003: 199.

⁴ Soares Romeu Júnior era brasileiro e amigo próximo de Manuel Rodrigues da Silva Abreu. Os seus “apontamentos biográficos” manifestam a amizade e a admiração pelo limiano; mas também têm o mérito de serem redigidos logo após o falecimento do bibliotecário Silva Abreu.

⁵ Em todo o caso, devemos a Francisco Gomes Amorim a reprodução integral de nove cartas de Silva Abreu a Almeida Garrett, em *Garrett, Memórias Biográficas* (1884).

⁶ Nota ao poema “O Adeus dum proscrito”, publicado no jornal bracarense *O Cidadão Filantropo*, de 1836.

⁷ *Jornal Comércio do Porto*, n.º 287 (10 de Dezembro de 1869), p. 2.

⁸ *Idem*.

⁹ Cf. a referida edição do jornal *Comércio do Porto*, apenas quatro dias apenas após o falecimento do bibliotecário limiano.

¹⁰ Epígrafe escolhida por Silva Abreu para a dedicatória da sua tradução da obra de Florian, em 1839; e que diz muito da sua personalidade e convicções, como homem e como cidadão político. É também aos versos de Sá de Miranda que o limiano recorre num tenso diálogo com o Governador Civil de Braga, evocado por Soares Romeu Júnior (1870: 18).

¹¹ Curiosamente, temos outro ilustre limiano com uma função similar neste domínio: D. Tomás Xavier de Lima (14.º Visconde e 1.º Marquês de Ponte de Lima) foi Presidente da Academia das Ciências; e fundou a Biblioteca Nacional (1796), vindo a suceder ao Marquês de Pombal como Primeiro-Ministro do governo da nação.

¹² Para outras informações sobre a história da fundação da Biblioteca Pública de Braga, cf. *Boletim Bibliográfico da Academia das Ciências de Lisboa*, Segunda Série, vol. I, fasc. 1 (Outubro de 1911), pp. 505-510; e Henrique Barreto Nunes (1998: 277 e 307).

¹³ Professor de Filosofia no Liceu do Porto, deputado, amigo de Almeida Garrett e de Silva Abreu.

¹⁴ Como salientado pelo biógrafo garretiano, F. Gomes Amorim (1884, II: 576-577): “Em 12 de Junho [1840] instava o poeta com o ministro do Reino para que Rodrigues fosse despachado bibliotecário de Braga, e escrevia por sua mão a portaria!”.

¹⁵ Alberto Feio Soares de Azevedo é nomeado para o cargo em 3 de Abril de 1911, após a implantação da República.

¹⁶ Cf. *O Murmúrio*, n.ºs 8, 9, 10 e 13, de 15 de Abril, 1 de Maio, 15 de Maio e 1 de Junho de 1856, respectivamente.

¹⁷ Jerónimo Pimentel, "Folhas soltas da história de Braga – Os Congregados (Conclusão), VIII, Depois de 1834", jornal *Regenerador* (Braga, 17 de Maio de 1888). Anote-se que Jerónimo Pimentel (1842-1898) foi deputado; governador civil de Braga; director da penitenciária de Lisboa; ainda eleito par do Reino por Viana do Castelo.

¹⁸ Este Catálogo de Rodrigues Abreu foi "impresso em 1870, em Braga, na Tipografia Lealdade, da rua de S. João" (Feio, 1920: 60), sendo hoje infelizmente desconhecido.

¹⁹ *Diccionario Popular* de M. Pinheiro Chagas (1876, I: 25).

²⁰ Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794) é um escritor francês de Setecentos, de origem nobre. Autor dramático, romancista e fabulista francês, laureado pela Academia Francesa (1788). Foi "officier de dragons" e protegido de Voltaire. Veio a ser banido de Paris durante a Revolução e preso no período de Terror. Morreu prematuramente aos 39 anos, em consequência do tratamento recebido no seu encarceramento. As suas fábulas são muito apreciadas, logo a seguir às conhecidas criações de La Fontaine. Curiosamente, na Biblioteca Pública de Braga existe uma edição de *Élizer et Nephthaly*, data de Paris, 1811; embora a obra conheça outras edições.

²¹ Florian, *Eliezer ou a Ternura Fraternal*, p. 9.

²² Alexandre Herculano, *O Panorama*, n.º 148, vol. III (1840), p. 72.

²³ Isso explicará, por exemplo, a preferência que Silva Abreu demonstra por autores como Lamartine, poeta certamente caro à sua estética romântica, mas também ao moderado ideário liberal do tradutor de *Eliezer*. Vale a pena citar uma breve passagem do jornal *Correio de Lisboa* (n.º 532, de 11 de Março de 1840, pág. 1, a propósito de uma tradução portuguesa de Lamartine: "Há um poeta em França que nestes tempos de cepticismo e de revoltas, fala a linguagem da paz aos povos, e fala a linguagem da religião aos homens. Este poeta é Lamartine."

²⁴ Cf. *O Panorama*, n.º 35, vol. I (1837), p. 280 – conforme informação de Inocêncio F. Silva (1862: 97).

²⁵ Este trabalho de tradução homérica terá originado uma troca de correspondência entre Rodrigues Abreu, Torres e Almeida e António Feliciano de Castilho – cf. *Diccionario Popular* de M. Pinheiro Chagas (1876, I: 25).

²⁶ De facto, tal como o autor limiano, também a marquesa de Alorna traduziu o poema de Lamartine "O Homem" – cf. *Obras Poéticas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844-1851, vol. IV, p. 231 – cf. edição digitalizada na BN: <<http://purl.pt/172>> – cf. Inocêncio F. Silva (1862, VI: 459-460).

²⁷ Estas e outras informações se podem colher em fontes de informação como o *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio F. Silva (1862) e de Brito Aranha (1893).

²⁸ Anote-se que o termo "rebuçado" era muito usado, em língua portuguesa, para significar alguém disfarçado, oculto, encapuçado; esse sentido é reforçado depois pela expressão "pastilha acróstica", uma vez que o acróstico servia para identificar, mais ou menos cripticamente alguém. Por conseguinte, tudo conduz à ideia de que o soneto deve ter uma pessoa visada.

²⁹ Conhecemos ainda exemplos de textos literários redigidos em homenagem a Silva Abreu – esse é o caso, por exemplo, do poema de Manuel de Castro Rebocho, dedicado a celebrar o tradutor de Eliezer (cf. jornal *O Murrúrio*, n.º 10, de 15 de Maio de 1856, p. 8).

³⁰ *Diccionario Popular* de M. Pinheiro Chagas (1876, I: 25).

³¹ Cf. jornal *Comércio do Porto*, n.º 287, de 10 de Dezembro de 1869.

Referências bibliográficas

- Abreu, Manuel Rodrigues da Silva (s.d.), *Un Portugais aux Habitants de Rennes*, s.l., s.d.
- (1857), *Biblioteca de Braga – Manifesto*, Braga, Typ. Luzitana.
- (1863), *Novidades Biblioteconomicas, ou refutação de cinco absurdos, que geralmente e ha seculos se sofrem no serviço das bibliotecas publicas, reduzidas todas elas á obediência do simples senso comum*, Braga, Typ. do Seminario dos Orphãos.
- Amorim, Francisco Gomes de (1884), *Garrett, Memórias Biográficas*, Lisboa, Imprensa Nacional, vols. II e III.
- Aranha, Brito (1893), *Dicionário Bibliográfico*, vol. XVI, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Chagas, Manoel Pinheiro (1876), *Dicionário Popular*, vol. I, Lisboa, Lallemand Frères, Typ. Lisboa.
- Feio, Alberto (1920), “A Biblioteca Pública de Braga”, *Boletim da Biblioteca e do Arquivo Distrital de Braga*, vol. I, pp. 5-76.
- Florian (1811), *Éliezer et Nephtaly, Poème traduit de l’Hebreu...*, Paris, À La Librairie Économique.
- (1839), *Eliezer ou a Ternura Fraternal: poema de Florian em quatro cantos e em prosa, traduzido do francez em versos portugueses, por M. R. S. A.*, Braga, Typ. Na rua dos Pellames, 8.º de 52-106 págs.
- Lemos, Miguel Roque dos Reis (2003), *Anais Municipais de Ponte de Lima*, 3.ª ed., Ponte de Lima, Rotary Club [1.ª ed., 1938].
- Nunes, Henrique Barreto (1998), *Da Biblioteca ao Leitor (Estudos sobre a Leitura Pública em Portugal)*, 2.ª ed., Braga, Autores de Braga [1.ª ed., 1996].
- Oliveira, Eduardo Pires (2006), *Fontes da Imagem de Braga, I (Vinte e uma fotografias de 1862-1863)*, Braga, Barbosa & Xavier.
- Paul, Jacques (1973), *Histoire Intellectuelle de l’Occident Médiéval*, Paris, Armand Colin.

Pereira, Esteves & Rodrigues, Guilherme (1904), *Portugal, Diccionario histórico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico*, vol. I – A, Lisboa, João Romano Torres – Editor.

Pimentel, Alberto (1903), *Idílios à beira d'água: romance original* (2.ª ed. revista pelo autor), Lisboa, A Editora [1.ª ed., Porto, Pereira da Silva, 1870].

Proença, Raul (1920), "Um bibliotecário português de meados do século XIX (Manuel Rodrigues da Silva Abreu, Bibliotecário de Braga)", *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Série II – vol. I, Lisboa, pp. 43-47.

Romeo Júnior, Soares (1870), *Manoel Rodrigues da Silva Abreu – Apontamentos Biographicos*, Lisboa, Lallement Frères, Typ.

Silva, Inocêncio F. (1862), *Dicionário Bibliográfico*, vol. VI, Lisboa, Imprensa da Universidade, pp. 97-98.



Fig. 1 – Igreja do convento dos Congregados (Braga), primeiro edifício da Biblioteca Pública de Braga.



Fig. 2 – Galeria da Biblioteca em 1870 – no estrado o bibliotecário Gonçalo Antão.

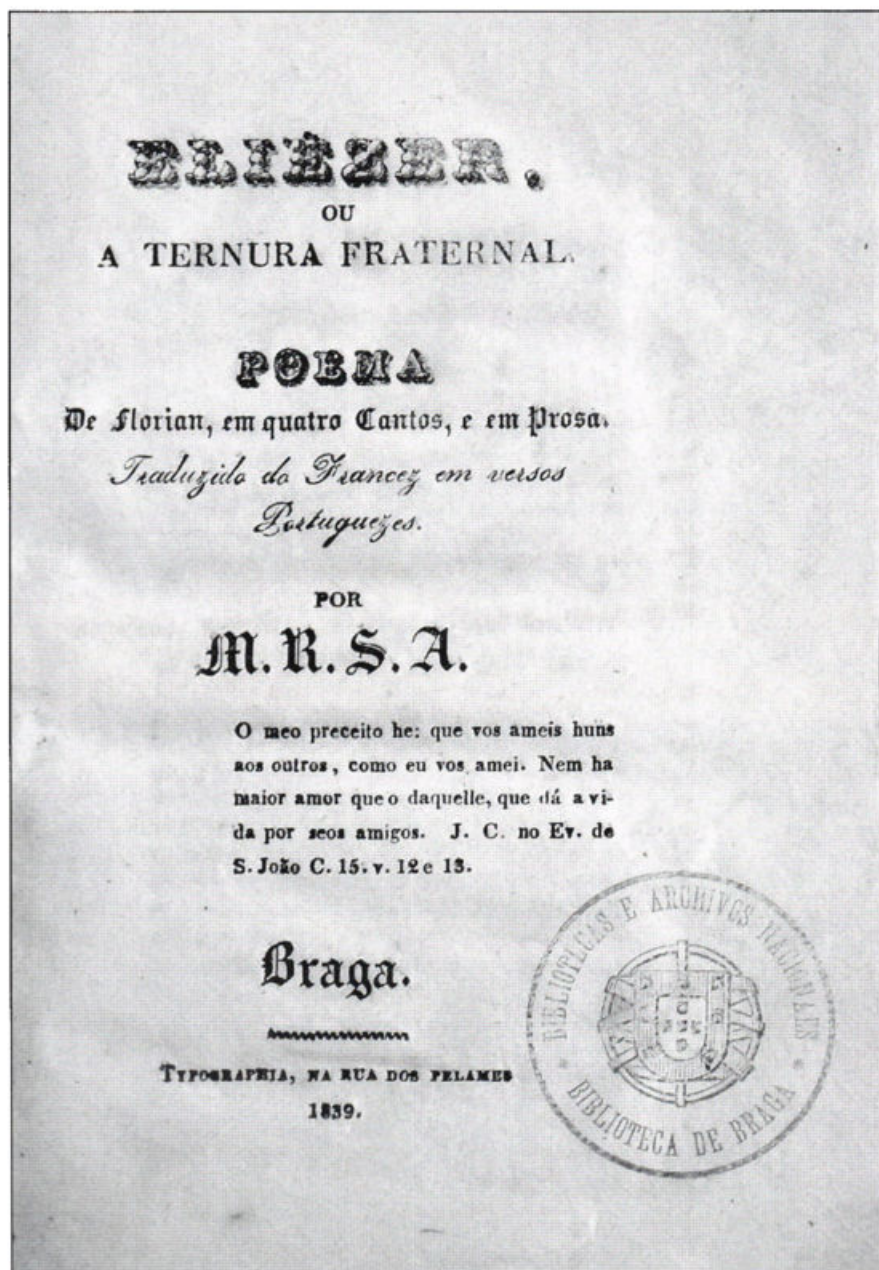


Fig. 3 – Página de rosto da 1.ª edição do poema *Eliezer ou a Ternura Fraternal* (1839), de Florian, traduzido por Manuel Rodrigues da Silva Abreu.

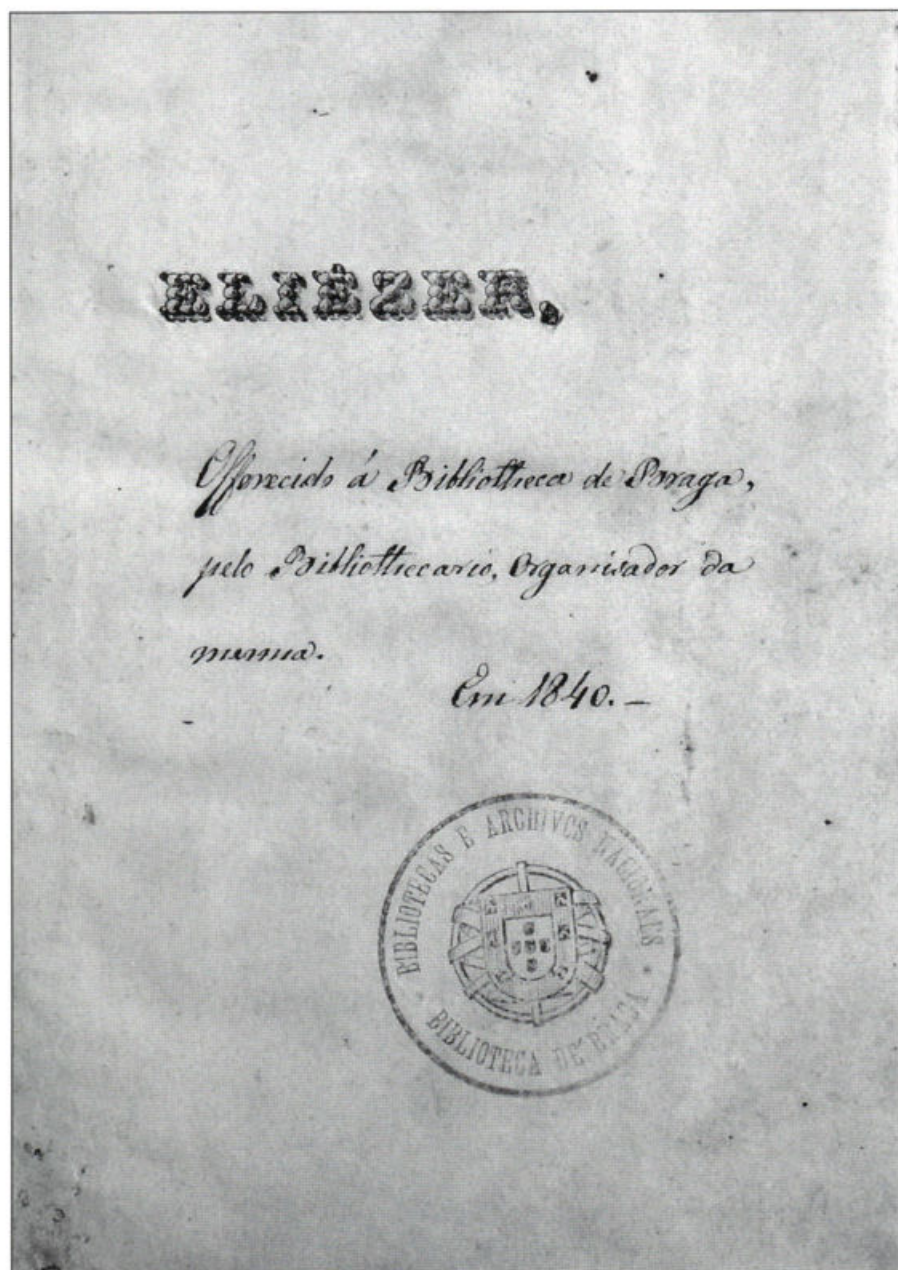


Fig. 4 – Página de falso-título, em que vemos uma dedicatória autógrafo de Manuel Rodrigues da Silva Abreu, oferecendo a edição do poema *Eliezer* à Biblioteca Pública de Braga.

O AMOR ENCOBERTO.

Porque razão não fizestes,
Justos ceos, porque razão,
Menos aspera a virtude,
Ou mais forte o coração? —

GLOSA.

Em vão sagrada impostura
Clame que o amor é crime,
E por lei dos ceos intime
Fechar o peito a ternura;
Não creio oh ceos! lei tão dura,
Pois se em Delmira pozestes
Mimos, graças, dons celestes,
Se em amal-a sou culpavel,
Delmira menos amavel
Porque razão não fizestes?

Sobre as aves, peixes, flores
Seu influxo amor derrama;
Se d'amor o fere a chama,
Despe o Leão seus furores
Ceos! porque tantos rigores
Contra esta geral paixão?
Se tão meiga inclinação
Dobra a todos os viventes,
Subtrahir-lhe humanos entes
Justos ceos porque razão?

Delmira, crê que a belleza
Mais se illustra se é sensível,
Que o ser crua é ser punível
E' insulto á natureza.
Esta ordena que a fereza
Em doce affeição se mude,
Amansa a indole rude,
Aos mortaes a dor modéra,
Faz a lei menos severa,
Menos aspera a virtude.

Mas accaso ouves-me a lyra?
Não é em vão que eu te adoro?
E' por certo; em vão eu choro,
Em vão meu peito suspira!
Ceos! Que me negaes Delmira,
Dae-me o encanto da illusão,
Dae-me ceos! por compaixão,
Dae-me por dote divino,
Ou menos cruel destino,
Ou mais forte o coração.

M. R. da Silva Abreu.

Fig. 5 – Página de um jornal bracarense, onde Manuel Rodrigues da Silva Abreu publica mais uma das suas criações poéticas.

SEABRA.

Pois sim doidinha; sim. (*Cecilia beijando-o retira-se*).

CECILIA, da porta.

Que lhe quererá elle?

Alfredo Campos.

(*Continúa*).

O BARDO

(VERSÃO DO INGLEZ)

Ruínas te abyssem. Rei cruel, rei barbaro!
Teus penhões queime o raio!
Bem que agitados pelas rubras azas
D'audaciosa conquista,
Seus vãos desdens e pompa este ar insultão?
Elmo, e leviada malha,
Virtudes mesmo, nunca te lão de, ó monstro,
Livrar a alma sacrilega.
Dos terrores da noite; como um spectro
Hão de sempre avexar-te
De Cambria as maldições, de Cambria as lagrimas!
A-sim contra arrogancias
Do primeiro Eduardo, impando em fausto,
Clamorosos rompião
Sons de bravo susto, quando, ás fraldas
Do Espodão penhasco
Ordenava esse Rei a injúria hostes
Improba, ousada marcha.
Quando Gerberto emunctada extático,
E já clamando — ás armas!
Mortimero enristava a feroz lança!

Sobre altivo rochedo,
Cuja medonha fronte ruga ameaças
A's ondas espumosas,
Do prisco Arvão; em pé, Bardo indignado,
(Trajando negro luto,
D'esgazado olhar, barba em desordem,
E as cans de neve soltas,
Qual meteóro, ao vento) allí sublime,
Alli compulso mestre
Estes, da lyra, sons de dor profunda,
Vate em fogo, soltava:
« Ouve Tyranno, escuta como os antros
Desertos, e altos roches
Reflectem suspirando a voz terrível
Da torrente que ulula!
E' contra ti, rei duro, que esses troncos,
Braços cento ondoando,
Por melhor se vingar, mais roucos ringem!
Ringem; que apoz o infausto
Cruel fado de Cambria, lhes falecem
Doces, ternos acordes
Com que a lyra d'Huel, de Luino os carmes,
De antes repercutião!

Gelada é a lingua de Cadusl, que outrora
Do Oceano as tempestades,
Fazia apassiguar; Uviano intrepido
Jaz n'um leito de penhas!
E vós montes, em vão pranteaes a sorte
De Madrel sonoros,
A cuja harpa divina, de encantado,
Porque mais perto o escute,
Pillimão que se croa d'altas nuvens,
Curva a fronte enorme!
Todos do Arvão na praia agreste, obscuros,
Encrostados em sangue,
São cadáveres hoje! de respeito,
Longe, bem longe delles,
Vão revoar amedrontados corvos,
E a agnia famuleia
Em gritos rompe, e ao largo desaparece!
Perdidos, claros socios
Da sonora arte mihã; charos, doces
A meus olhos de magoa,
Como a luz que os visita; prestadios,
Qual vivaz, puro balsamo,
Que o peito me acalenta! Sim, morresteis,
Mas foi entre os gemidos,
Foi entre os ais da agoussante Patria!
Nem mais, nem mais os choro;
Que jazer os não vejo; — em turba horrível,
Sobre atlantis melcolhuís,
Sentar-se os noto alem, e colhar folego,
Para a patria vingarem;
Para contigo, em formidaveis canticos,
D'um impio rei lecerem,
Com mãos de sangue, a tea d'impia raça!

Treci o fio, e trama
Do mortuario lençol, em que a progenie
D'Eduardo ha de involter-se;
Dac-lhe orla e vasto campo onde se possão
Giavar do inferno os typos.
Nelle o anno marcae, marcae a noite
Em que o Severn, tremendo
Tem d'elchear os ais, o extremo braço,
Que, sob tetos de Berkley,
Dará um rei nas vascas da agonia!
Loba de França, horrenda
Na despedida garra, que facera
Do consóte as entranhas;
Tu prole teus de dar que em tua patria
Será dos ceos o açote!
Que horror em torno ao monstro! na vanguarda
Quão rapidos desfilão
O espanto, a palidez, a dor, e a morte,
Deixando a terra um erino!

M. R. da Silva Abreu.

PROVERBIOS E CONSELHOS.

Ao feito remedio, ao por fazer conselho.

De pão do meu compadre grande pedaço ao meu afilhado.

Em boca cerrada não entra mosca.

Fig. 6 — Página do jornal bracarense *O Operário*, onde Manuel Rodrigues da Silva Abreu publica a sua tradução-versão de "O Bardo", de Lord Byron.